



CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Márcia Maria Rodrigues Uchôa¹

Leila Maria de Oliveira²

Sueidy Pithon Suyeyassu³

Resumo

A xenofobia racializada (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021) constitui-se, no contexto brasileiro, mais um desafio para as instituições educativas, de modo que à aversão, ao ódio ou à antipatia ao Outro estrangeiro soma-se um componente, o Outro racializado, o que provoca, em uma sociedade desigual como a nossa, um duplo preconceito ao imigrante, tornando-o suscetível a discriminações e a condições subalternas nos diversos espaços sociais, incluindo a escola. A partir dessas considerações, nosso objetivo, no presente texto, é tecer uma discussão acerca do currículo e da formação de professores/as para a interculturalidade, entendendo-os como importantes ferramentas para a mediação dos conflitos decorrentes do convívio com a alteridade e em vista da superação de práticas educativas discriminatórias e excludentes. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, pautada pelas abordagens de Faustino e Oliveira (2021), Moura (1988), Santos (2006), Walsh (2009; 2019), Tubino (2016), Marcelo García (1999), entre outros.

Palavras-chave: alunos imigrantes; alteridade; xenofobia racializada; currículo; formação de professores.

Abstract

Racialized xenophobia (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021) constitutes, in the Brazilian context, another challenge for educational institutions, so that the aversion, hatred or antipathy to the foreign Other is added to a component, the racialized Other, which causes, in an unequal society like ours, a double prejudice against immigrants, making them susceptible to discrimination and subaltern conditions in different social spaces, including the school. From these considerations, our objective, in this text, is to weave a discussion about the curriculum and the formation of teachers for interculturality, understanding them as important tools for the mediation of conflicts arising from living with otherness and in view of overcoming discriminatory and excluding educational practices. This is a bibliographic research, guided by the approaches of Faustino and

¹ Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Professora e pesquisadora nas áreas de currículo, interculturalidade e fronteiras. E-mail: profa.uchoa@gmail.com.

² Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Professora da rede municipal de Santo André. E-mail: leila_bracu@hotmail.com.

³ Doutora em Educação: Currículo pela PUC-SP. Professora e docente e gestora escolar. E-mail: pithonsueidy13@gmail.com.

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Oliveira (2021), Moura (1988), Santos (2006), Walsh (2009; 2019), Tubino (2016), Marcelo García (1999), among others.

Keywords: *immigrant students; otherness; racialized xenophobia; curriculum; teacher training.*

Introdução

A presença de alunos/as imigrantes nas escolas é perpassada por diversas questões urgentes e demanda ações que proporcionem um acolhimento humanizado e, conseqüentemente, a integração deles a esse ambiente. Reconhecer o Brasil como um país plural é insuficiente, pois algumas diferenças ainda atuam no caminho da exclusão e marginalização de milhares de pessoas em nossa sociedade.

O artigo toma a relação entre xenofobia e racismo como objeto de discussão, a partir do currículo e da formação de professores/as na perspectiva da interculturalidade. A questão que se persegue é: Como abordar essa temática no currículo e na formação de professores/as, de modo a oferecer espaços de reflexão crítica que viabilizem a transformação das práticas educativas discriminatórias e excludentes?

O trabalho está dividido em três seções. Na primeira seção, discutimos as especificidades da formação da sociedade brasileira e seus efeitos na contemporaneidade. Para tal, apresenta a xenofobia racializada como mais um desafio para a inclusão social, integração, respeito e valorização dos diferentes imigrantes na escola.

Na segunda seção, tratamos da interculturalidade crítica no currículo, entendendo-a como uma estratégia contra a xenofobia racializada no espaço escolar, em vista da construção de uma educação que reconhece e valoriza Outros conhecimentos e saberes negados historicamente pela colonialidade do poder e do saber (QUIJANO, 2005), contribuindo para a desconstrução dos estereótipos que afetam os alunos e as alunas discriminados/as.

Na terceira seção, realiza-se uma discussão acerca da formação de professores para a interculturalidade, reconhecendo a figura do professor como um

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

dos atores importantes na dinâmica de mediação nesse território diverso e conflituoso com responsabilidade e função social.

A xenofobia racializada

Embora exista uma importante literatura que discute identidade e diferença voltados ao racismo no cotidiano escolar, a relação entre o racismo e o conjunto de conflitos vividos no cotidiano escolar vem sendo cada vez mais problematizada com a ampla presença de estudantes imigrantes de várias partes do mundo nas escolas brasileiras, levantando a questão sobre o quanto a diferença pode ser convertida em conflitos na escola, quando permeada pelo olhar estigmatizado e racializado.

A realidade da dinâmica social brasileira sugere a existência de hierarquias entre as representações sociais criadas para esses diferentes povos e culturas que chegam ao País por meio da imigração. Essas representações hierarquizadas também parecem exercer reflexos na dinâmica de sociabilidade nas escolas (OLIVEIRA, 2019). Diante dessa realidade, a noção de xenofobia mostra-se insuficiente, uma vez que a polarização nacional x estrangeiro não capta as sutilezas dos conflitos vividos por variados grupos de imigrantes em função de sua classificação nos sistemas locais de racialização.

Não obstante a realidade observada no referido campo tenha apontado para uma intersecção entre racismo e xenofobia no cotidiano escolar, enquanto o racismo é identificado em alguns estudos como um dos fatores centrais para a compreensão das disparidades de acesso e permanência na educação (CAVALLEIRO, 2005; JACCOUD, 2008; MUNANGA, 2005; OLIVEIRA, 2012; SILVA, 2003; SILVA, 2005), outros, sem fazerem alusão, necessariamente, aos estudos ofertados pelos primeiros, reconhecem que a presença de imigrantes no cotidiano escolar revela novos desafios (UCHÔA, 2010; OLIVEIRA, 2019; SUYEYASSU, 2019; BRÁS, 2015; OLIVEIRA, 2013; RODRIGUES, 2017).

Para que os conceitos não possam ser confundidos, por guardarem importantes relações, assume-se, para este trabalho após a leitura de autores (SILVÉRIO, 1999; MUNANGA, 2003; MOORE, 2007; FANON, 2008), que o racismo é uma ideologia historicamente construída e enraizada em nossa sociedade, que

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

atribui hierarquias e estereótipos a grupos diversos, a partir de suas diferenças consideradas raciais. A xenofobia, ainda que partilhe com o racismo uma base etnocêntrica, não está limitada a uma diferenciação pretensamente racial, podendo ser manifestada a qualquer “Outro” que não possa ser concebido como parte da imaginada “Nação Comum” (ADASZKO; KORNBLIT, 2008). O “Outro”, no caso, o estrangeiro, o imigrante, rechaçado em sua alteridade essencial, passa a ser o cimento de distinção, que viabiliza a produção discursiva do nós (GINER *et al.*, 1998). Stolcke (1993) classifica a xenofobia como “racismo disfarçado”, enquanto para Sivanandan (2001) o racismo contemporâneo, voltado a imigrantes do Sul nos países centrais capitalistas, é xeno-racismo.

Para Fanon (2008), tanto o racismo quanto a xenofobia são pautados por atributos ideológicos e expectativas racializadas àqueles considerados à margem da humanidade.

Faustino e Oliveira (2021) realizam uma discussão profunda ao considerarem a história do Brasil, onde o capitalismo se constituiu por vias coloniais e as classes dominantes foram, por isso mesmo, as estrangeiras (*outsiders*), e não os povos “nativos” que aqui já estavam instalados há milênios, bem como ao questionarem a formação da identidade nacional que, a partir de caminhos diversos, apresentou quase sempre o que vem de “fora” como superior ao nacional (MOURA, 1988). No entanto, essa apologia à superioridade do estrangeiro não foi igualmente distribuída entre os vários povos que aqui aportaram, mas apenas àqueles que traziam traços fenotípicos idênticos ou similares aos traços das classes dominantes. Constata-se, assim, não ser possível tratar a xenofobia no Brasil apenas no âmbito de um mero conflito entre os locais (supostos estabelecidos) contra os estrangeiros (*outsiders*), e sim de uma distribuição desigual do acolhimento ou hostilidade aos/às imigrantes, nomeada como xenofobia racializada (FAUSTINO; OLIVEIRA, 2021).

A xenofobia racializada apresenta-se, no contexto nacional, como mais um desafio à inclusão social, integração, respeito e valorização dos diferentes imigrantes na escola.

[...] temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2006, p. 462).

É sabido que o contato multicultural, quando atravessado por diferentes relações de poder, provoca, agudiza ou explicita conflitos positivos e negativos⁴ referentes à incompatibilidade de opiniões, valores e necessidades e, sobretudo, às relações de poder marcadas pelo estranhamento hierarquizado e reificador da sociedade contemporânea (HALL, 1999; 2009). Embora essa incompatibilidade possa levar à assimetria do poder, à prepotência de alguns e à exclusão de outros, acarretando violência, anulando e violando os direitos humanos dos excluídos, as instituições escolares têm um papel fundamental na mediação de tais violências e conflitos, oferecendo aos sujeitos envolvidos a possibilidade de construir relações interpessoais confortáveis em seu cotidiano escolar, reconhecendo as diferenças como riqueza e procedendo com atitudes respeitadas.

Como é o caso do racismo inserido em ambos os sistemas de maneira simultânea e hierárquica, Santos (2006, p. 281) afirma que, “no caso do racismo, o princípio da exclusão assenta na hierarquia das raças e a integração desigual ocorre, primeiro, através da exploração colonial (escravatura, trabalho forçado), e depois, através da imigração”.

Em tempos de racismo, indiferenças, desigualdades e com o fluxo migratório intenso no século XXI, o mundo se torna mais global, os espaços ganham novas características, comportando diferentes culturas, o que Santos (2006) chama de localismo globalizado. Nesse sentido, para conceber os direitos humanos em sua totalidade, é importante valorizar as diferenças para combater as desigualdades.

Reconhecer que somos diferentes não basta para que se estabeleça a diversidade cultural no Brasil, pois a diferença é uma marca que rotula socialmente o sujeito, excluindo e marginalizando milhares de pessoas em nossa sociedade, sem possibilidade de igualdade de condições.

Para Candau (2005, p. 19),

⁴ Entende-se como conflitos aqueles que possibilitam dar espaço para vivenciar as diferenças; logo, conflito negativo é aquele que pode gerar certas violências, como o não acolhimento. Conflito positivo é aquele que causa certa estranheza e/ou curiosidade, quando existe uma troca de saberes.

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõe à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice.

Para os/as alunos/as imigrantes, a igualdade das diferenças não é a adoção de uma identidade brasileira, mas a igualdade de condições, denominada equidade e, ao mesmo tempo, o direito de viver de maneira distinta no que tange à cultura, ao estilo de vida etc.

Os/as alunos/as estrangeiros/as, quando recebidos/as com hospitalidade, além de aprenderem o idioma, têm a solidariedade e o espírito colaborativo de toda a comunidade escolar que os/as recebe, atitudes significativas para sua atuação no grupo. Eles/as se comunicam e interagem de forma efetiva, questionando e sugerindo, e exercem seu papel como qualquer aluno/a.

A xenofobia no cotidiano escolar, assim como o racismo, afeta tanto os/as alunos/as discriminados/as quanto os/as que discriminam. Os efeitos psicossociais dela decorrentes podem causar aos discriminados desde a baixa autoestima até a evasão escolar. Por sua vez, aos onipotentes a xenofobia produz a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, reforçando a discriminação na escola e em outros espaços da esfera pública (MARTÍNEZ-OTERO PÉREZ; MIRANDA, 2010). Considerando que a escola é um espaço de socialização secundária e possui um papel fundamental na construção da identidade e na formação do ser humano, discutem-se os limites e as possibilidades de um currículo no trato adequado dessa temática.

A materialização de práticas pedagógicas interculturais no Currículo

Em consonância com Uchôa, Paraguassú Chaves e Pereira (2021), o currículo, sob a ótica da interculturalidade, apresenta-se como uma possibilidade para a construção de uma educação antirracista, fundamentada no diálogo crítico, sem a hierarquização e subordinação das culturas. Também entendemos que ele pode reverter-se em uma importante estratégia de luta contra a xenofobia, haja vista que reconhece e valoriza os conhecimentos e saberes constitutivos das culturas. Outras, ao tempo em que problematiza os conflitos decorrentes do convívio com a pluralidade

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

e ainda por propiciar o desenvolvimento de atitudes proativas de respeito e empatia ao Outro, desembocando na superação das contradições discriminadores-discriminados e opressores-oprimidos.

O currículo, pela perspectiva da interculturalidade crítica, reveste-se de uma ferramenta estratégica contra a xenofobia racializada no espaço escolar, uma vez que problematiza e questiona a hierarquização social, em vista da desconstrução dos estereótipos que afetam os/as alunos/as discriminados/as. Ao pautar-se pela compreensão de que identidade (eu) e diferença (outro) não são opostas, mas dependentes, porquanto a primeira é uma constituição derivada da segunda, o currículo ressignifica a diferença, que passa a ter uma conotação positiva, de afirmação da alteridade.

Quando se trata de práticas pedagógicas interculturais, é preciso, pois, esclarecer a que abordagem estamos nos referindo, à funcional ou à crítica, uma vez que, de acordo com Walsh (2009), as finalidades de ambas são distintas. A interculturalidade funcional assume a diversidade cultural como eixo central, reconhece o caráter multicultural como característica das sociedades contemporâneas, mas não questiona as relações de poder, contribuindo para a manutenção do *status quo* dominador e para o aprofundamento das desigualdades sociais. Ela se pauta pelo diálogo entre as culturas sem questionar as causas que inviabilizaram o “não diálogo” ou ainda sem discutir as causas das assimetrias sociais. “O interculturalismo funcional responde e é parte dos interesses e necessidades das instituições sociais” (WALSH, 2009, p. 21). Essa abordagem é materializada nas práticas pedagógicas por via de datas comemorativas, que de modo raso, superficial e sem a devida crítica contribuem para a folclorização e a criação de estereótipos sociais, em torno de temas e assuntos importantes e pontuais.

A interculturalidade crítica, por seu turno, tem como foco as diferenças e questiona as relações de poder, “é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização” (WALSH, 2009, p. 21), como as pessoas negras, que vivem relações desiguais em virtude do racismo estrutural em nossa sociedade brasileira. A diferença central da interculturalidade crítica é a colonial, vinculada ao passado de subordinação de povos, línguas e conhecimentos que reverbera ainda na atualidade e é sentida nos corpos negros e indígenas deste

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

país, contudo “não se fixa nela; ao contrário, trabalha para transgredir as fronteiras do que é hegemônico, interior e subalternizado e que provoca as desigualdades” (WALSH, 2019, p. 15).

De acordo com Tubino (2016), a interculturalidade crítica aplicada a um contexto amplo, de práticas curriculares, pressupõe a desconstrução de estigmas e a disposição empática de escuta e abertura à alteridade. Nessa perspectiva,

[...] o diálogo intercultural implica em reconhecer sem pré-julgar, as diversas concepções de mundo e hierarquias de valores que estão em jogo. Dessa forma, implica em reconhecer as diversas sensibilidades e espiritualidades, que pessoas, de diferentes horizontes culturais, possuem (TUBINO, 2016, p. 30).

O currículo deve adotar o compromisso sistemático de desenvolver nos sujeitos atitudes proativas de empatia e de respeito diante das diferenças e da diversidade, pois não basta o reconhecimento inerte da pluralidade como marca constitutiva da contemporaneidade, torna-se necessário criar mecanismos para que se desenvolvam diálogos interculturais, mediante a visibilidade e o questionamento das causas da estigmatização cultural que contribuam para o rompimento das relações assimétricas de poder (TUBINO, 2016).

Assim, um currículo pautado pela interculturalidade crítica não tem as diferenças e a diversidade apenas como possibilidades de inter-relação, em uma sociedade plural, mas compreende que elas refletem relações assimétricas de poder, em uma sociedade desigual. Por essa razão, precisam ser questionadas e problematizadas, tendo em vista a construção de práticas pedagógicas que se posicionem contra a exclusão, a negação e a subalternização de grupos e sujeitos discriminados, conseqüentemente desumanizados.

Entendendo que o currículo é um artefato social, por isso mesmo nunca é um empreendimento neutro, uma vez que em seu interior manifestam-se discursos e práticas político-sociais, imbricados nas relações de poder, sua construção em uma perspectiva de interculturalidade crítica perpassa pela formação de docentes críticos, que compreendam que as relações desiguais precisam ser questionadas e comprometam-se com a desconstrução das assimetrias que promovem a coisificação e a subalternização dos sujeitos, de seus corpos e de seus saberes e conhecimentos.

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Formação de professores/as para a interculturalidade

Percebe-se que a presença de alunos/as imigrantes nas escolas perpassa por diversas questões que urgem ser analisadas, a fim de buscar ações que proporcionem um acolhimento humanizado, promovendo a integração deles a esse ambiente.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) expressam:

[...] a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino aprendizagem. [...] A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças – não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa; podem e devem, portanto ser fator de enriquecimento (MEC, 1997, p. 96-97).

Partindo da perspectiva de enriquecimento, em razão das diferentes culturas inseridas no ambiente escolar, verifica-se a importância de viabilizar caminhos de mediação para proporcionar efetivamente ações interculturais.

Um dos atores essenciais nessa dinâmica é o/a professor/a. Ele/a, por meio de sua prática docente, pode ser agente de mediação nesse território diverso e conflituoso, no entanto surge outra problematização: O professorado recebeu ou tem recebido formação para atuar em ambientes multiculturais?

Na pesquisa realizada por Suyeyassu (2019), verificou-se, nas escolas que apresentam uma realidade multicultural, a dificuldade do professorado de lidar com as diferenças em suas salas de aula, ou seja, não estão professando nem elaborando a interpretação e a reinterpretação do mundo com relação ao Outro. De acordo com Feldmann (2009), a interação com esse Outro (aluno/a imigrante) não acontece em virtude de diversos implicativos, a partir da impossibilidade de comunicação, em decorrência do não domínio das línguas diversas que se manifestam nessas escolas, mas, sobretudo, por não ter sido oferecida ao professorado uma formação específica para ser professor/a num ambiente multicultural.

Albó (2005, p. 76) enfatiza “a importância do domínio prático e teórico da língua dos educandos. Trata-se de um elemento-chave e muito específico em uma cultura, por ser o que permite as principais comunicações interpessoais”.

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Refletindo sobre a questão da língua em um ambiente diverso, pensa-se na delicadeza que temos que demonstrar quanto ao ato de não cometermos outra forma de preconceito, ou seja, o linguístico. Nesse entendimento, Bagno (1999, p. 164) diz:

Por mais que isso nos entristeça ou irrite, é preciso reconhecer que o preconceito linguístico está aí, firme e forte. Não podemos ter a ilusão de querer acabar com ele de uma hora para outra, porque isso só será possível quando houver uma transformação radical do tipo de sociedade em que estamos inseridos, que é uma sociedade que, para existir, precisa da discriminação de tudo o que é diferente, da exclusão da maioria em benefício de uma pequena minoria, da existência de mecanismo de controle dominação e marginalização. Apesar disso, acredito também que podemos praticar alguns pequenos atos subversivos, uma pequena guerrilha contra o preconceito, sobretudo porque nós, professores, somos muito importantes como formadores de opinião.

As percepções levaram-nos à constatação de que a falta de preparo do professorado para lidar com a realidade multicultural tem implicado diretamente no processo de ensino e aprendizagem dos/as alunos/as imigrantes, intensificando ainda mais essa problemática na escola (SUYEYASSU, 2019).

Analisando as questões inerentes às problematizações apresentadas nas escolas, onde há a presença de alunos/as imigrantes, verificou-se a possibilidade de caminhar sob a luz de um currículo para a interculturalidade crítica.

Souza e Fleuri (2003, p. 73) afirmam:

A educação intercultural ultrapassa a perspectiva multicultural, à medida que não só reconhece o valor intrínseco de cada cultura e defende o respeito recíproco entre diferentes grupos identitários, mas também propõe a construção de relações recíprocas entre os grupos.

A formação do professor para a perspectiva de ensino para a interculturalidade crítica traz algumas possibilidades de reflexão com o objetivo de contribuir para a disseminação de um campo que ainda é minimamente percorrido, levando-nos a entender a importância de adentrar nessas veredas para a promoção da formação específica para esse professorado de maneira a ampará-lo em suas práticas pedagógicas.

Ao observarmos nossas universidades, enxergamos uma formação de professores/as ainda voltada para um monoculturalismo social e cultural, ou seja, o/a professor/a, ao ser formado/a, poderá se deparar com uma realidade multicultural e

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

não saberá organizar sua prática pedagógica orientada para essa realidade característica da contemporaneidade, e o mesmo acontece quando dirigimos nosso olhar para dentro da escola e verificamos professores/as que já estão atuando nessa perspectiva de ambiente, com dificuldade de ser professor/a (SUYEYASSU, 2019).

Acerca dessa contradição formação docente/realidade social e cultural, Suyeyassu (2019, p. 70) destaca que uma fala recorrente dos professores é: “Eu não sei o que fazer, me sinto limitado!”. Tal discurso soa como um grito de socorro diante da necessidade de proporcionar ferramentas adequadas de trabalho para que professores/as possam atuar com intencionalidade pedagógica nos ambientes educacionais marcados pela presença de imigrantes com realidades plurais.

Para Marcelo García (1999, p. 19), o conceito de formação pode ser entendido:

Como uma função social de transmissão de saberes, de saber-fazer ou saber-ser que se exerce em benefício do sistema socioeconômico, ou da cultura dominante. A formação também pode ser entendida como um processo de desenvolvimento e estruturação de pessoas que se realiza com o duplo efeito de uma maturação interna e de possibilidades de aprendizagem, de experiências dos sujeitos.

A formação é entendida por Marcelo García (1999) como uma função social, que proporciona um efeito duplo de aprendizagem e maturidade.

Pensa-se que a verdadeira formação é a que provoca mudanças internas no sujeito, alterando, assim, sua prática e, conseqüentemente, provocando mudanças no alunado, por ser um processo contínuo, e não estanque.

Nessa concepção, o educador Nóvoa (1991, p. 30) assevera:

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tornando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturarem em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos.

Nesse sentido, emerge a necessidade de que os cursos de formação de professores/as direcionem atividades de extensão para o interior das escolas, pois a formação continuada que tem efetividade na prática docente é aquela que parte de uma reflexão da prática, apoia-se no estudo de teorias que, por sua vez, convertem-se novamente em práticas pedagógicas, demonstrando o papel e o compromisso social das instituições educativas de ensino superior.

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Ademais, é oportuno que os cursos de formação de professores/as direcionem disciplinas e conteúdos acadêmicos que retratem a realidade social e cultural da contemporaneidade, com seus espaços marcados essencialmente pela heterogeneidade e pluralidade.

Para Feldmann (2009, p. 75):

Na formação de professores e em sua articulação com a escola brasileira, é apontada com maior frequência a desvinculação entre teoria e prática. Obstáculo a uma prática pedagógica que é vista como repetidora de modelos e padrões cristalizados, em vez de uma prática que traga em si possibilidades de uma ação dialógica e emancipadora do mundo e das pessoas.

A cristalização da prática pedagógica citada por Feldmann (2009) tem sido um impedimento para que o professorado se abra para essa realidade presente em nossas escolas. Sem a consciência da necessidade de mudanças e de se abrir para o cotidiano, os professores ficam engessados em práticas que poderão gerar violências curriculares.

A autora acrescenta: “O processo de formação de professores caminha junto com a produção da escola em construção por meio de ações coletivas, desde a gestão, as práticas curriculares e as condições concretas de trabalho vivenciadas” (FELDMANN, 2009, p. 75).

Sobre a quebra da cristalização das práticas pedagógicas, Marcelo García (1999, p. 92) sustenta:

Cada vez mais se vem afirmando a necessidade de incorporar nos programas de formação de professores conhecimentos, competências e atitudes que permitam aos professores em formação compreender as complexas situações de ensino. Enfatiza-se especialmente o estimular nos professores atitudes de abertura, reflexão, tolerância, aceitação e proteção das diferenças individuais e grupais.

Para que o professorado se aproxime do conhecimento a respeito das diferenças individuais e grupais, faz-se necessário o conhecimento da realidade do contexto de vida de cada aluno, estabelecendo um relacionamento afetivo e de acolhimento.

Acerca da discussão, Gatti (2017, p. 1154) discorre:

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

A educação escolar organizada como dever do Estado tem sido o meio pelo qual, há bem mais de um século, as nações têm privilegiado para a socialização de conhecimentos tidos como importantes à vida humana, à vida comunitária, à vida civil. Essa educação incide hoje diretamente nos processos de formação do humano-social, comportando não só a socialização de conhecimentos, como também a socialização associada a perspectivas relativas a valores, atitudes e formas do agir nas relações em comunidades e as relativas ao nosso hábitat natural. Formação de consciências para o agir social. É nessa direção que se colocam a complexidade e a relevância essencial do trabalho docente na educação básica, considerando os contextos multiculturais e de acentuadas diversidades em que ela se processa.

Marcelo García (1999, p. 92), nessa direção, aponta: “Os professores devem possuir amplos **conhecimentos** sobre a realidade em que vivem (tanto a nível da comunidade vizinha como a nível nacional e internacional) em diferentes dimensões: cultural, social, econômica e ambiental (Lynch, 1989)” (grifos do autor).

Para o autor, é necessário integrar o conceito de diversidade cultural nos próprios conteúdos e metodologias de ensino. Ele acrescenta a seguinte proposta classificada em três categorias.

A primeira trata das questões inerentes à **teoria**:

- 1- Conhecer um leque variado de definições de cultura;
- 2- Conhecer várias visões de diversidade cultural (por exemplo, carência cultural vs. diferença cultural);
- 3- Conhecer várias abordagens do estudo da cultura;
- 4- Conhecer diferentes métodos e técnicas úteis ao estudo da cultura na escola e na comunidade;
- 5- Conhecer os conceitos de relativismo cultural, etnocentrismo;
- 6- Conhecer os conceitos de enculturação, aculturação e biculturalismo, e conhecer como se relacionam estes conceitos com o grupo hegemônico e a cultura da maioria;
- 8- Conhecer o conceito de etnia;
- 9- Conhecer as ideias básicas relativamente às relações entre cultura e educação;
- 10- Conhecer o papel do professor como transmissor e agente cultural;
- 11- Evitar estereótipos na apresentação de informação cultural, apresentando-a no quadro de uma abordagem comparativa (por exemplo, numa perspectiva global); (MARCELO GARCÍA, 1999, p. 92).

Na segunda categoria, Marcelo García (1999, p. 92-91), explicita os conteúdos relacionados à **sociedade**:

- 12- Conhecer o desenvolvimento histórico e os grupos culturais na sociedade;

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

- 13- Conhecer alguns efeitos positivos e negativos da diversidade cultural no desenvolvimento histórico e cultural da sociedade;
- 14- Conhecer algumas distinções entre características de classe social e atributos culturais dos grupos culturais dominantes e minoritários;
- 15- Conhecer algumas semelhanças e diferenças culturais maioritária e minoritária, assim como o conflito potencial e as oportunidades que proporcionam aos grupos sociais;
- 16- Conhecer aspectos-chave dos estilos de vida dos grupos maioritários e conhecer a sua compatibilidade com os estilos de vida da comunidade local;
- 17- Conhecer as tradições culturais, tanto comuns como diferentes nos grupos culturais;
- 18- Conhecer o passado e o presente das circunstâncias do domínio cultural;
- 19- Conhecer os padrões da migração, emprego, educação e mobilidade social;
- 20- Conhecer o passado e o actual desenvolvimento social, cultural, literário, e político dos grupos;
- 21- Conhecer as contribuições dos grupos para o desenvolvimento cultural da sociedade;
- 22- Conhecer as ideias básicas em relação à comunidade intercultural;
- 23- Ter uma atitude positiva face à diversidade cultural;
- 24- Apreciar as contribuições dos grupos minoritários para o desenvolvimento da sociedade;

Na terceira e última categoria, o autor pontua os conteúdos relacionados à **classe:**

- 25- Conhecer diferentes métodos e modelos de formação intercultural e a sua aplicabilidade à educação bilíngue;
- 26- Conhecer o efeito potencial de conflito das variáveis culturais e socioeconômica nas atitudes, valores e condutas dos alunos;
- 27- Conhecer as fontes potenciais de conflitos na interacção intercultural na escola, assim como conhecer o modo de desenvolver uma interacção positiva;
- 28- Incorporar materiais e outros aspectos do ambiente nas actividades curriculares;
- 29- Animar a interacção cultural através do uso de métodos e técnicas apropriados;
- 30- Demonstrar compreensão de diferentes tipos de comunicação verbal e não verbal;
- 31- Demonstrar sensibilidade face às diferenças culturais entre alunos, pais, pessoal docente, e criar ambiente para desenvolver tal sensibilidade nos outros;
- 32- Ter uma atitude positiva face aos outros grupos culturais representados na escola;
- 33- Ter uma atitude contrária aos estereótipos;
- 34- Apreciar a herança cultural dos grupos (MARCELO GARCÍA, 1999, p. 93).

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

Pensamos que a mudança das atitudes do professorado deve remeter a ações positivas direcionadas a uma perspectiva para a interculturalidade, esperançosa de que sua mediação, por meio de mudanças de práticas pedagógicas para uma realidade diversa, possa construir um ambiente de aprendizado acolhedor para o alunado imigrante, permitindo, assim, a inserção no processo de ensino e aprendizagem.

Albó (2005, p. 78) acrescenta à discussão que: “[...] o sistema educativo incorpore uma sólida formação ética, social, política e econômica dos educadores, para que o fruto de seu trabalho educativo conduza a ações transformadoras dessa estrutura”.

Em face dessas constatações, considera-se a necessidade de rever as políticas públicas para estabelecer um novo panorama educacional para a formação de professores/as na perspectiva da interculturalidade, de modo a inserir adequadamente os/as alunos/as imigrantes no processo de ensino e aprendizagem nas escolas brasileiras.

Considerações finais

Iniciamos a discussão da temática ora proposta a partir da pergunta: Como abordar a xenofobia racializada no currículo e na formação de professores/as, de modo a oferecer espaços de reflexão crítica que viabilizem a transformação das práticas educativas discriminatórias e excludentes? Assim, buscamos nos aportes mencionados nas seções anteriores, caminhos para a ampliação do debate nas práticas pedagógicas.

Entendemos que a interculturalidade crítica no currículo questiona e problematiza a xenofobia racializada inerente à estrutura de nossa sociedade e visa sua superação a partir de práticas de diálogo e intercâmbio cultural, que não subordinam as diferenças, tampouco os diferentes conhecimentos e saberes dos/as alunos/as imigrantes

Esses processos estão pautados pelo reconhecimento do valor positivo das diferenças, sejam as individuais ou as grupais, bem como da diversidade, o que

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

compreende toda a coletividade, rompendo com a tradição hegemônica e homogeneizadora nas práticas curriculares, herança do pensamento colonialista eurocêntrico, fundamentado na validação e no reconhecimento de uma epistemologia universal.

Nesse sentido, quando o currículo escolar é orientado pela interculturalidade crítica e a formação inicial e continuada dos/as professores/as segue essa mesma perspectiva, consecutivamente reverberam práticas pedagógicas inclusivas e acolhedoras, que libertam os/as alunos imigrantes da opressão e subalternização, potencializando seus conhecimentos e saberes.

Referências

ADASZKO, Dan; KORNBLIT, Ana Lía. Xenofobia en adolescentes argentinos: un estudio sobre la intolerancia y la discriminación en jóvenes escolarizados. **Revista Mexicana de Sociología** [on-line], Ciudad de México, v. 70, n. 1, p. 147-196, 2008. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0188-25032008000100005. Acesso em: 12 maio 2019.

ALBÓ, Xavier. **Cultura, interculturalidade, inculturação**. São Paulo: Loyola, 2005.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** São Paulo: Loyola, 1999.

BRÁS, Luana Ribeiro. **Construindo caminhos rumo a superação da xenofobia por meio das atividades extracurriculares**. 2015. Monografia (Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

CANDAU, Vera Maria (Org.). **Cultura(s) e educação: entre o crítico e pós-crítico**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CAVALLEIRO, Eliane. Discriminação racial e pluralismo em escolas públicas da cidade de São Paulo. *In*: SECAD. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal n. 10.639/2003**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 65-104.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes; OLIVEIRA, Leila Maria de. Xeno-racismo ou xenofobia racializada? Problematizando a hospitalidade seletiva aos estrangeiros no Brasil. **REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana** [on-line], v. 29, n. 63, p. 193-210, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980->

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

[85852503880006312](https://doi.org/10.1590/198053144349). Acesso em: 20 maio 2022.

FELDMANN, Marina (Org.). **Formação de professores e a escola na contemporaneidade**. São Paulo: Senac, 2009.

GATTI, Bernadete. Didática e formação de professores: provocações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 47, n. 166, p. 1.150-1.164, out./dez. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/198053144349>. Acesso em: 13 abr. 2019.

GINER, Salvador *et al.* **Diccionario de sociología**. Madrid: Alianza, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

JACCOUD, Luciana. O combate ao racismo e à desigualdade: o desafio das políticas públicas de promoção da igualdade racial. *In*: THEODORO, Mário (org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 anos após a abolição**. 2. ed. Brasília: Ipea, 2008. p. 135-170.

MARCELO GARCÍA, Carlos. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

MARTÍNEZ-OTERO PÉREZ, Valentín; MIRANDA Renata Jardim de. A violência escolar. **Revista Ibero-americana de Educação**, Madrid, v. 52, n. 3, 2010. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/1791>. Acesso em: 10 maio 2021.

MEC. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3.º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação – PENESB-RJ, 5 nov. 2003. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 6 out. 2020.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005.

NÓVOA, António. **Formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

OLIVEIRA, Leila Maria de. **O ensino da história e cultura afro-brasileira e a**

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

educação física: um estudo sobre o currículo vivido em Santo André. 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

OLIVEIRA, Leila Maria de. **Imigrantes, xenofobia e racismo:** uma análise de conflitos em escolas municipais de São Paulo. 2019. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Lis Régia Pontedeiro. **Encontros e confrontos na escola:** um estudo sobre as relações sociais entre alunos brasileiros e bolivianos em São Paulo. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política e Sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In:* LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber:** eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, set 2005. p. 227-278. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Quijano.rtf>. Acesso em: 5 abr. 2022.

RODRIGUES, Leda Maria de Oliveira (Org.). **Imigração atual:** dilemas, inserção social e escolarização Brasil, Argentina e EUA. São Paulo: Escuta, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Gilberto Ferreira da. Multiculturalismo e educação intercultural: vertentes históricas e repercussões atuais na educação. *In:* FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural:** mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 17-52.

SILVA, Petronilha Beatriz Golçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. *In:* MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 155-172.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Multiculturalismo e a metamorfose na racialização. *In:* XXIII ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, GT 15 Relações Raciais e Etnicidade/Sessão 3. **Anais...** Caxambú-Minas Gerais, 19 a 23 de outubro de 1999.

SIVANANDAN, Ambalavaner. Poverty is the New Black. **Race & Class**, v. 43, n. 2, p. 1-5, Oct. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F0306396801432001>. Acesso em: 10 maio 2021.

SOUZA, Maria Izabel Porto de; FLEURI, Reinaldo Matias. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. *In:* FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Educação intercultural:** mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

CURRÍCULO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS PARA A INTERCULTURALIDADE: ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS CONTRA A XENOFOBIA RACIALIZADA

STOLCKE, Verena. **Cultura europeia**: uma nova retórica de exclusão. Amsterdã, 1993. Disponível em: http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/22/rbcs22_02.pdf. Acesso em: 8 out. 2013.

SUYEYASSU, Sueidy P. **Currículo e interculturalidade**: imigrantes no ambiente multicultural em uma escola na cidade de São Paulo. 2019. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

TUBINO, Fidel. Por que a formação cidadã é necessária na educação intercultural? *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar**: uma educação “outra”? Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016. p. 22-36.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues. **Linguagem e educação**: um estudo sobre o processo de escolarização dos alunos bolivianos da zona urbana do município de Nova Mamoré. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, 2010.

UCHÔA, Márcia Maria Rodrigues; PARAGUASSÚ CHAVES, Carlos Alberto; PEREIRA, Carlos Eugênio Pereira. Currículo e culturas: a educação antirracista como direito humano. **Revista Teias**, v. 22, n. especial, out./dez. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/61610>. Acesso em: 2 jan. 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, reexistir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009. p. 12-42.

WALSH, Catherine. Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento “outro” a partir da diferença colonial. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)**, v. 5, n. 1, p. 6-38, jan./jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/revistadireito/article/view/15002>. Acesso em: 20 ago. 2021.